



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

Danielle de Oliveira Pereira de Santana

FERROVIA BACEP: TRILHA PARA A ESTAÇÃO DO BEM VIVER

Recife, PE
2024

Danielle de Oliveira Pereira de Santana

Ferrovias BACEP: Trilha para a estação do bem viver

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Agroecologia.

Orientadora: Profa. Dra Maria Zênia Tavares da Silva

Recife/PE
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S232f Santana , Danielle
 Ferrovia BACEP: Trilha para a estação do bem viver / Danielle Santana . - 2024.
 32 f.

 Orientador: Profa. Dra. Maria Zenia Tavares da Silva.
 Inclui referências.

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, , Recife,
 2024.

 1. Agroecologia . 2. Economia solidária. 3. Transformação social. I. Silva, Profa. Dra. Maria Zenia
 Tavares da, orient. II. Título

CDD

Danielle de Oliveira Pereira de Santana

Ferrovias BACEP: Trilha para a estação do bem viver

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 05 de fevereiro de 2024

Profa. Dra. Maria Virgínia de Almeida Aguiar.
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Educação
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Profa. Dra. Maria Zênia Tavares da Silva.
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Ciências do Consumo
Orientadora

Profa. Dra. Horasa Maria de Lima da Silva Andrade.
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Educação

Prof. Dra. Maria Virgínia de Almeida Aguiar.
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Educação

Recife/PE
2024

DEDICATÓRIA

Ao meu General de guerra,
meu Senhor e meu Deus,
que me guiou e me sustentou até aqui.

AGRADECIMENTOS

A minha mais profunda gratidão:

À minha orientadora, Professora Zênia Tavares, pelos ensinamentos, colaborações e pela empatia e segurança transmitidas nos momentos de tantas dificuldades pessoais em que realizei esse trabalho. Obrigada por não ter soltado minha mão;

À minha Professora, Horasa Andrade, que com sua sabedoria, me ajudou a crescer academicamente e como pessoa;

A todo coletivo docente do curso;

À toda minha família, cujo apoio inabalável foi fundamental para a conclusão deste trabalho. As palavras de incentivo e amor constante foram a força motriz para o andamento e fechamento deste ciclo;

Ao meu marido, que me ajudou a superar os desafios diários;

À minha mãe, Lúcia;

Ao meu pai, Ricardo;

À minha filha, Letícia e ao meu filho, Gabriel;

À minha vovó Angelita (*In Memoriam*);

À minha Tia Alba;

À minha irmã, Rayssa;

Aos colegas de sala, que me auxiliaram e torceram pelas minhas conquistas.

À sociedade que investiu em minha formação, espero ter a chance de retribuir a oportunidade concedida.

À minha amada UFRPE, que sempre ocupará um lugar especial em meu coração, sempre lembrarei com carinho e gratidão.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso visa compartilhar e refletir sobre minha atuação como Agroecóloga e Educadora Popular. Ele segue como metodologia a minha narrativa reflexiva baseada em minha trajetória acadêmica, tendo como base as experiências vividas, os relatórios de atividades, anotações, registros pessoais, diário de campo e materiais audiovisuais, que foram consultados para essa construção. Em termos de representação ele é uma oportunidade de socializar os aprendizados, desafios e conquistas vivenciados ao longo de minha trajetória no curso de Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular e experiência profissional, destacando a importância de abordagens integradas para promover práticas sustentáveis, equidade econômica e transformação social. Ao longo desta jornada, mergulhei nas complexidades da Agroecologia, descobrindo e reconhecendo formas sustentáveis de cultivar alimentos, respeitar os ecossistemas, promover a segurança alimentar e nutricional no campo e na cidade, a partir dos princípios da justiça social e de práticas mais solidárias de Economias. Ao longo de minha atuação, os movimentos sociais se revelaram como catalisadores de transformações significativas, fortalecendo minha compreensão sobre questões sociais, ambientais e econômicas, contribuindo para a construção de práticas e relações sociais mais conscientes e igualitárias. A interação com os povos originários emergiu como uma fonte essencial de aprendizado. Suas práticas sustentáveis, respeito pelos ecossistemas naturais e conhecimentos tradicionais foram fundamentais para a compreensão mais ampla da interconexão entre ecossistemas, sociedade e natureza. A Economia Solidária desempenhou um papel crucial em minha trajetória, proporcionando experiências enriquecedoras de cooperação e autogestão. Com o tempo, fui aprendendo a utilizar metodologias participativas que promovem o diálogo e a troca de saberes, numa prática de que fortalece os laços sociais e transforma realidades. O maior aprendizado que tive foi, sem dúvida, em relação ao papel do/a Educador/a, especialmente por meio dos estudos e das experiências em Educação Popular. Essa abordagem rompe com o modelo tradicional de ensino ao valorizar a construção coletiva do conhecimento, respeitando as vivências de cada indivíduo e promovendo uma prática pedagógica libertadora. Durante meu estágio na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (Incubacoop) da UFRPE, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência transformadora: a concepção, gestão e implementação da primeira feira agroecológica da Rural. Essa vivência me aproximou da Práxis agroecológica e de suas dimensões políticas, da dimensão sociocultural e econômica e da dimensão ecológica e técnico produtiva, consolidando minha compreensão sobre a importância da educação participativa.

Palavras-chaves: Agroecologia; Economia solidária; Transformação social

ABSTRACT

The present final project aims to share and reflect on my work as an Agroecologist and Popular Educator. It follows as a methodology my reflective narrative based on my academic journey, drawing on lived experiences, activity reports, notes, personal records, field journals, and audiovisual materials that were consulted for its construction. In terms of representation, it is an opportunity to socialize the lessons learned, challenges, and achievements experienced throughout my journey in the Bachelor's Degree in Agroecology and Popular Education and professional experience, highlighting the importance of integrated approaches to promote sustainable practices, economic equity, and social transformation. Throughout this journey, I delved into the complexities of Agroecology, discovering and recognizing sustainable ways to cultivate food, respect ecosystems, and promote food and nutritional security in both rural and urban areas, based on the principles of social justice and more supportive economic practices. In my work, social movements have emerged as catalysts for significant transformations, strengthening my understanding of social, environmental, and economic issues, contributing to the construction of more conscious and equal social practices and relationships. The interaction with Indigenous peoples emerged as an essential source of learning. Their sustainable practices, respect for natural ecosystems, and traditional knowledge were fundamental to a broader understanding of the interconnectedness between ecosystems, society, and nature. Solidarity Economy played a crucial role in my journey, providing enriching experiences of cooperation and self-management. Over time, I learned to use participatory methodologies that promote dialogue and knowledge exchange, in a practice that strengthens social bonds and transforms realities. The greatest lesson I learned was, without a doubt, regarding the role of the Educator, especially through studies and experiences in Popular Education. This approach breaks away from the traditional teaching model by valuing the collective construction of knowledge, respecting each individual's experiences, and promoting a liberating pedagogical practice. During my internship at the Technological Incubator of Popular Cooperatives (Incubacoop) at UFRPE, I had the opportunity to experience a transformative journey: the conception, management, and implementation of the first agroecological fair at Rural. This experience brought me closer to agroecological praxis and its political, socio-cultural, economic, ecological, and technical-productive dimensions, consolidating my understanding of the importance of participatory education.

Keywords: Agroecologist; Solidarity Economy; Social Transformation

SUMÁRIO

1	Introdução.....	10
2	Ferrovias BACEP	
2.1	Entre plataformas e estações.....	11
2.2	A agroecologia e a economia solidária.....	21
3	Chegada ao destino final: aprendizados para o bem viver a partir do BACEP...26	
4	Conclusão.....	30
5	Referências.....	33

1. INTRODUÇÃO

É com grande entusiasmo que apresento este memorial, uma reflexão sobre minha trajetória acadêmica, de imersão nos territórios de aprendizagem e de práticas e intelectual até o momento. Ao submeter-me ao pleito para progressão à categoria de Bacharela em Agroecologia e Educação Popular, busco não apenas documentar conquistas, mas também compartilhar os aprendizados, desafios superados e a evolução constante que me conduziu até este ponto.

Ao longo dos anos, a Agroecologia tornou-se mais do que uma área de estudo para mim; é uma filosofia de vida, uma missão e um compromisso com abordagens sustentáveis e holísticas. Este memorial não é apenas um relato de realizações, mas uma jornada introspectiva que destaca o amadurecimento das inquietações, conceitos e perspectivas que fundamentam meu engajamento nesse campo de conhecimento.

Pretendo não apenas apresentar eventos, mas contextualizá-los, evidenciando as conexões entre diferentes fases da minha formação acadêmica e as mudanças nas abordagens temáticas que escolhi explorar.

Ao sublinhar a coletividade na construção do conhecimento, reconheço a importância das reflexões conjuntas e das colaborações que enriqueceram minha jornada acadêmica. Este memorial não é apenas uma prestação de contas individual, mas uma celebração das contribuições coletivas que moldaram minha compreensão da Agroecologia. O mesmo encontra-se dividido em duas seções, a primeira trata da trajetória no curso de Bacharelado em Agroecologia, Campesinato e Educação Popular (BACEP) e a segunda, da escolha do meu campo de atuação como profissional.

Ressalto que esta oportunidade de introspecção não apenas visa evidenciar meu percurso até aqui, mas também estabelecer os alicerces para os próximos passos da minha carreira acadêmica. Ao submeter este memorial, reitero meu compromisso com a busca incessante pela construção do conhecimento que dialogue com os saberes tradicionais e científicos em prol de práticas sustentáveis e de uma visão abrangente da Agroecologia.

2 FERROVIA BACEP

2.1 Entre plataformas e estações

Danielle Oliveira é o meu nome, sou filha de Lúcia e Ricardo, neta de Angelita, que se mudou ainda criança da cidade de Timbaúba, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, para residir na cidade do Recife. Tenho vivas lembranças da estrutura antiga da nossa casa, que contava com um belo pé de carambola, muros baixos, e as crianças ainda podiam brincar livremente nas ruas. Lembro-me também do pé de mastruz, que era utilizado como remédio durante os episódios de crises de asma. Tenho recordações afetivas de minha mãe me oferecendo o mastruz com leite coado para o tratamento de minha doença.

Residia nas proximidades do bairro da Boa Vista, no centro da capital do Recife. À medida que o tempo transcorria, percebia a metamorfose do cenário ao meu redor. Tornou-se necessário aumentar a altura dos muros da casa e transformar o portão, antes vazado, em um portão completamente fechado, a fim de proporcionar uma sensação de maior segurança. A violência estava em ascensão, e pela porta de casa, eu testemunhava jovens entregues ao vício, conhecidos como “cheira cola”.

Esses indivíduos, cujos nomes e origens permaneciam um mistério, constituíam uma realidade lamentável. Naquela época, não compreendia plenamente as complexidades subjacentes àquela situação. Contudo, esses seres humanos possuíam histórias, trajetórias que se entrelaçavam com as vicissitudes da vida. Quem eram eles? De onde provinham? Essas perguntas ecoavam sem respostas.

Ao finalizar o ensino médio, o mundo apresentava-se substancialmente distinto em comparação com os dias atuais. À época, meu acesso a tecnologias avançadas e oportunidades era consideravelmente limitado em relação à juventude contemporânea. Originária de uma família humilde e trabalhadora, insiro-me em uma estrutura familiar liderada por mulheres, das quais extraio toda a determinação para prosseguir e perpetuar a esperança.

Minha trajetória como mãe, dona de casa, estudante e profissional sempre foi permeada por desafios significativos. Atuei em diversas áreas, incluindo a comercialização de produtos e serviços, o artesanato e o setor de eventos. Busquei concluir uma graduação particular em Psicologia, mas deparei-me com dificuldades decorrentes de mais uma crise financeira, o que me levou a interromper o curso.

Como mulher, de ancestralidade e reconhecimento camponesa, neste cenário encontro uma expressão de resistência, cuidado e protagonismo. É uma declaração de

que somos co-criadoras do ciclo da natureza. Na agroecologia, não encontramos apenas a agricultura, mas também uma filosofia de vida que valoriza a diversidade e respeita os ritmos naturais. Essa filosofia transcende a luta pela terra e abrange também a voz e a participação igualitária que moldam nosso destino coletivo. Somos as guardiãs do conhecimento, as transmissoras das práticas ancestrais que ressoam com a sabedoria da terra. Essa ênfase também se relaciona à autonomia nas tomadas de decisão e às reivindicações das mulheres para além da esfera pública, bem como à obtenção de poder em temas que afetam nossas vidas (HOROCHOVSKI: 2007).

Em uma fase estável da minha vida, no ano de 2002, alcancei o marco de sair do aluguel e adquirir minha casa, exatamente como eu a imaginava. Com um amplo quintal, repleto de árvores frutíferas e uma tranquilidade imensa, encontrava-me exausta dos ruídos incessantes da metrópole, desde o estridente som das buzinas até os aglomerados de músicas emanando dos bares. Essa conquista foi compartilhada por todos, inclusive meus pais, que sempre nutriram apreço pelas plantas e pela criação de animais.

Em nossa trajetória no quintal, cultivamos uma diversidade de plantas, incluindo mangueiras, bananeiras, abacateiros, mamoeiros, pimentas malaguetas, pimentas carolinas, tomateiros, coentros, cebolinhas, babosas, hortelãs de folhas graúdas, coentros maranhenses, amoras, pimentões, limoeiros, maracujazeiros, siriguelas, açaizeiros, coqueiros, macaxeiras, feijões verdes, jerimuns, batatas-doces e milhos. Além disso, também nos dedicamos à criação de galinhas, perus, bodes, patos e tilápias.

Em 2019, recordo-me de ter encontrado, por meio do Facebook, a notícia sobre o processo seletivo para a primeira turma do curso de Bacharelado em Agroecologia da UFRPE. Naquela época, eu estava envolvida em atividades ligadas a um sítio em Camaragibe, onde trabalhava com mudas e ecoturismo. Além disso, fazia parte do Sindicato de Trabalhadores Rurais local. Entusiasmada, inscrevi-me na seleção e fui aceita para integrar a turma pioneira, um acontecimento que me enche de alegria e honra, marcando um divisor de águas em minha vida pessoal e profissional.

Ao chegar à Ferrovial do Bacharelado em Agroecologia Campesinato e Educação Popular - BACEP (Ferrovial BACEP), desembarquei na primeira plataforma, no período 2019.2, onde tive o primeiro contato com minha turma, com os/as docentes e com os/as parceiros/as do curso. Uma lembrança marcante é a expressão de contentamento e o sorriso radiante e resiliente de nossa coordenadora da época, Joanna Lessa. Recordo da primeira dinâmica, na qual entrelaçamos os “NÓS”. Foi um verdadeiro balaio de encantamentos, felicidade, dúvidas, curiosidade e muita sede de desconhecimento. Agradeço

cada obstáculo superado, pois foram eles que moldaram a pessoa que sou hoje. Expresso minha gratidão por todo coração e história que contribuem para a grandeza desta turma singular.

A aquisição de saberes e a construção do conhecimento ao longo do curso foram moldadas por uma diversidade de experiências, incluindo as aulas presenciais, as vivências em diversas regiões, como a Zona da Mata Sul e Norte, o Sertão e o Agreste de Pernambuco, além do Sertão do Ceará. Essas experiências foram enriquecidas pelas atividades de extensão, pelas investigações científicas e pela imersão no etnoagroecossistema familiar.

O elo integrador foi o compromisso de conhecer e transformar o etnoagroecossistema nas dimensões ecológico-produtiva, ética, educativa, socioeconômica, política, cultural e artística. Os eixos temáticos orientadores foram: Conhecer o etnoagroecossistema (a partir das relações entre Agroecologia, Campesinato e Educação popular), Planejar, agir e transformar o etnoagroecossistema, agir no etnoagroecossistema (a partir da Agroecologia, Campesinato e Educação popular), Avaliar, analisar e sistematizar a ação no etnoagroecossistema.

A construção do conhecimento foi fundamentada na abordagem interdisciplinar, no reconhecimento dos saberes camponeses e na horizontalidade dos diálogos com diversos grupos e movimentos sociais, com os povos indígenas, comunidades quilombolas, povos de terreiro, assentados(as) da reforma agrária, acampados(as), pescadores(as) artesanais, jovens rurais e ribeirinhos(as). Diferentes instituições parceiras auxiliaram na construção do projeto político pedagógico do curso e também deram suporte em seu decorrer, ao exemplo do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco (FETAPE), Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá.

Como a vida se apresenta em constante movimento, as experiências dessas estações da Ferrovia Bacep foram se incorporando à medida em que as circunstâncias se apresentavam no momento. Foram experiências a partir do ambiente acadêmico, permeado pelo meu quintal, por imersões realizadas, eventos de âmbito local, estadual, regional e nacional. O meu quintal produtivo localizado no bairro dos Sítios dos Pintos, no Recife, foi o laboratório vivo onde vivenciei as experiências com minha família e obtive os diferentes aprendizados que foram voltados para a construção coletiva e dialogada do conhecimento. O tempo foi dividido nas Vivências Universidade (VU) e Vivências

Realidade Campo (VRC). Os territórios que atuei foram dentro da cidade do Recife, com um enfoque na Comunidade Entra Apulso e Dois Irmãos.

A cada início de semestre realizamos uma imersão, viagem que durava cerca de cinco (5) dias, onde visitamos as experiências das famílias agricultoras familiares, parceiros e da rede de Agroecologia. O intuito era de vivenciar as realidades dos diferentes territórios com o olhar voltado para as temáticas a serem aprendidas. Passamos pela Região Metropolitana do Recife, Zona da Mata Sul e Norte, Agreste e Sertão de Pernambuco, no último semestre fomos ao Sertão do Ceará.

A relação entre conhecimento e militância política está profundamente enraizada em minha trajetória. Essa interconexão evolui a partir de leituras e aprendizados ancorados nas realidades ecológicas, sociais e subjetivas, assim como nos conflitos socioeconômicos, ambientais e culturais presentes em cada experiência vivida.

Durante esses quase cinco anos de formação (2019 à 2024), participei de eventos em diferentes escalas geográficas e estruturais, sendo eles a nível estadual, regional e nacional, Atuei como Monitora, Organizadora, Mestre de Cerimônias e Ouvinte. Alguns dos eventos que participei foram: Marcha das Margaridas, em Brasília - Ano 2023, Seminário de Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE) - Anos 2021 e 2023, Semana da Terra da Universidade Federal de Pernambuco (UFRPE) - Ano 2023, Feira Saberes e Sabores da Terra (2023), Rodas de diálogo, Aulas públicas, Atividades artístico - culturais, Palestras e Oficinas com foco na Agroecologia como Ciência, Prática e Movimento.

A compreensão da Agroecologia como um resultado da fusão entre o conhecimento ecológico científico, popular e a ancestralidade, através das práticas e saberes dos povos originários, desenvolveu-se de maneira gradual e variada ao longo do curso. Uma das nossas primeiras atividades esteve centrada na temática na qual atuo hoje: autogestão e economia solidária. Nesse contexto, fomos convidados/as a refletir sobre a gestão coletiva do curso, explorando metodologias participativas e ponderando sobre o papel individual no processo de ensino-aprendizagem. O diálogo emergiu como a ferramenta principal, e, através da prática, compreendemos o papel do educador revolucionário, a partir do conhecimento reflexivo e ações transformadoras de realidades. Nesse sentido através de sua visão humanística, Paulo Freire nos traz que “Não basta saberem-se numa relação dialética com o opressor [...]. É preciso, enfatizemos, que se entreguem à práxis libertadora (Freire, 2013, p. 49).

A partir do campo das reflexões sobre os conceitos de território e territorialidade

abriram portas para descobertas e questionamentos que contribuíram na compreensão sobre minha origem, localização atual e aspirações futuras. Esse processo representou um encontro com a minha subjetividade, meu agroecossistema familiar, minha comunidade e os vários outros interconectados. Gradualmente, passei a ter uma compreensão mais profunda do bioma em que estava inserida, incluindo o relevo, o clima, a vegetação, os regimes de chuvas-seca/climáticos, a fauna, a flora, a água e o solo.

Além disso, passei a reconhecer o contexto de onde eu falava, os espaços de luta, os aspectos econômicos e sociais, as feiras livres, os museus, as praias, os tipos de culinária, as festas, os esportes e as danças, etc. Todo esse entendimento ampliado me proporcionou uma perspectiva mais abrangente e conectada. Consegui identificar as expressões do campesinato dentro do meu território, as atividades de cultivos e de agriculturas, de criações animais e pecuárias, os quintais produtivos e as feiras agroecológicas. Principalmente, percebi as racionalidades camponesas e as boas relações que ainda estão presentes na minha comunidade.

Na segunda estação, em 2020.1, me deparei com a pandemia ocasionada pelo vírus SARS-COV-2, um período caracterizado por intensas adversidades emocionais, desafios à minha saúde mental e física, culminando na desestruturação dos grupos de autogestão que eu participava. Mesmo na modalidade de ensino à distância, busquei implementar alternativas, embora não atingisse a mesma eficácia do ensino presencial, no qual eu empregava todos os sentidos para a edificação do conhecimento.

Nesse interstício, o tato, o paladar e o olfato foram excluídos do meu processo de aprendizagem, e passei extensos períodos conectada através das telas. As percepções também foram moldadas pela conjuntura desafiadora do momento pandêmico, iniciado no início do primeiro semestre de 2020. Exploramos o entendimento das plantas e suas interligações com os elementos naturais, os ciclos biogeoquímicos, os diferentes tipos de solo e sua interação com os seres vivos, os processos relacionados ao ciclo da água. Além disso, abordamos a valorização da natureza em ambientes urbanos, as percepções das interações naturais, minha identidade camponesa e a descoberta de minha ancestralidade indígena, através do meu bisavô, indígena boliviano.

Após a vacinação e a redução dos casos de adoecimento pelo vírus, retomamos as atividades presenciais em 2022. Desta vez, enfrentamos o desafio de readaptação ao que era considerado normal anteriormente. Os grupos foram restabelecidos, desempenhamos o papel de recapitular as experiências já vividas que contribuíram para a reflexão sobre as vivências e os conteúdos aprendidos. Fora do período do Estágio Obrigatório (ESO), inicei

o estágio pela Secretaria de Agricultura Urbana do Recife, em uma Sementeira da Prefeitura do Recife, localizada no Parque de Exposição dos Animais, no bairro do Cordeiro.

Percorri diversas comunidades periféricas, interagindo com Escolas municipais de ensino médio, Creches e Centros de Apoio Psicossocial com o planejamento e implementação de hortas terapêuticas. As hortas terapêuticas no ambiente urbano desempenham um papel significativo na promoção da saúde mental, bem-estar físico e integração social. Essas iniciativas proporcionam uma série de benefícios que vão além da produção de alimentos, contribuindo para o equilíbrio emocional e a qualidade de vida das pessoas, como demonstrado nos estudos de Santos e Machado (2019).

Adicionalmente, realizei palestras de Educação em Agroecologia para discentes do ensino médio de Instituições Públicas Estaduais. A inclusão da agroecologia como disciplina eletiva nas escolas de ensino médio traz uma série de benefícios pedagógicos, ambientais e sociais, como: Consciência Ambiental e de Sustentabilidade, Desenvolvimento de Competências Práticas, Vínculo com a Comunidade, Resgate da Ancestralidade, Promoção da Diversidade Cultural e Cidadania.

Na terceira estação, pude aprender sobre uma variedade de temas interligados. Iniciei abordando o contexto interdisciplinar, investigando a produção agrícola e as políticas de preservação dos ecossistemas. Analisei as atuais ameaças às diversidades animais e vegetais, aprofundando-me no conhecimento das espécies do quintal, por meio de um inventário, assim como os benefícios de integrar a criação animal e vegetal e as possibilidades de aumento da rentabilidade da família. Realizamos essa atividade em conjunto e descobrimos cerca de 50 espécies diversas de plantas e animais que convivem conosco no ambiente de nosso terreno.

Em seguida, estudei os níveis de participação no planejamento participativo, utilizando ferramentas como o Diagnóstico Rural Participativo (DRP), mapas do terreno, Diagrama de Venn e a ferramenta de análises Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças (FOFA), promovendo a solidariedade, boas práticas financeiras e o fortalecimento de vínculos e cuidados, destacando a importância do desenvolvimento de redes e sociedades autossustentáveis. O objetivo do uso destas ferramentas é criar uma percepção compartilhada sobre a situação atual da comunidade em relação aos seus potenciais e suas limitações, a partir de uma delimitação territorial expressa graficamente por um desenho (VERDEJO, 2006).

Explorei diferentes acessos à nossa propriedade, incluindo a Companhia Estadual

de Habitação e Obras (CEHAB) e o Sindicato Rural de Camaragibe. Foi um período muito rico em aprendizados, onde me aproximei de nossas “sementes crioulas” ou “sementes da paixão”, como elo com nossa ancestralidade e espiritualidade, focando nas perspectivas da juventude rural e urbana, os projetos de vida e o sentido primário de sobrevivência. Deparei-me com os desafios impostos pela pandemia e as ressignificações necessárias, destacando a importância de movimentos guiados pelo afeto, cuidados físicos, saúde mental e a necessidade de desacelerar o ritmo, mesmo dentro do ambiente urbano.

Na quarta estação, a jornada iniciou-se com a integração dos conhecimentos oriundos do meu quintal, conectando-os a outras experiências. Ampliei minha perspectiva para diferentes vivências e sujeitos, reconhecendo a riqueza que cada perspectiva traz para o entendimento coletivo, imergi nas relações históricas do feminino no espaço urbano, especialmente nas mulheres envolvidas na agricultura urbana do Recife, na zona rural de Paudalho e de Tracunhaém. Pude observar e aprender sobre o papel da mulher do campo e da cidade na Agroecologia, que ela ocupa os mais diferentes espaços e que está à frente da Relação Família/Produção. O texto de Delgado (2017), traz esse estudo do Protagonismo da mulher urbana em suas multidensões: forte presença nas Hortas Urbanas e comunitárias, Circuitos curtos de comercialização, Quintais urbanos, Programas e projetos, participação ativa nas construções de políticas públicas.

Aprofundei minha compreensão sobre a importância do planejamento para a autonomia e segurança alimentar da família, reconhecendo a criação de animais como uma espécie de poupança para o agricultor. Como traz o texto de Freire (2019), “No inverno a gente planta, no verão a gente cria”. Pude reconhecer as relações existentes em meu território entre a criação animal e vegetal, destacando, por exemplo, a relação entre os cavalos (atividade de Equoterapia) e o fornecimento de esterco para adubar a produção de alimentos. Apliquei ferramentas de diagnóstico participativo, como a FOFA e a árvore de problemas, revelando pontos fortes, fracos, oportunidades e desafios em minha prática. Também abordei a criação de uma ração alternativa adaptada, utilizando moringa e gliricídia como base, apresentando cálculos e medidas para a implementação eficaz.

Minha experiência na quinta estação proporcionou uma imersão profunda em diversos aspectos da Agroecologia. Desde a aplicação prática de conceitos agroflorestais até a valorização de saberes tradicionais e práticas espirituais. A interação prática com conceitos agroflorestais não apenas expandiu minha compreensão sobre práticas sustentáveis, mas também me conectou profundamente com a terra e seus ciclos. A valorização dos saberes dos mais velhos trouxe uma riqueza de conhecimentos

tradicionais, destacando a importância de aprender com aqueles que têm uma longa história de convívio com a natureza.

Um aspecto particularmente marcante foi o reconhecimento da ligação intrínseca entre a Agroecologia e o sagrado, como nas comunidades indígenas e entre povos de terreiro, nas quais a espiritualidade se entrelaça de maneira profunda com a terra, a biodiversidade, os elementos naturais e a territorialidade. Nessas comunidades, a espiritualidade não é separada das práticas agrícolas; ao contrário, ela permeia cada aspecto, desde o cultivo da terra até a colheita. A valorização da biodiversidade, o uso e conservação das sementes crioulas, o respeito aos elementos naturais e a compreensão dos benefícios das plantas, tornam-se não apenas práticas agrícolas, mas também atos de reverência e gratidão pelo sagrado que permeia a natureza.

Também foi neste período onde colocamos em prática os princípios agroflorestais em uma pequena área urbana, explorando formas de adaptação desses conceitos em contextos urbanos. Realizei atividades nas comunidades periféricas, compreendendo os processos de declínio e ascensão, sucessão ecológica, e a mudança nos cenários ambientais e sociais. Aprendi sobre a Agrofloresta como um modelo sustentável, promovendo um ambiente semelhante ao natural, ciclando nutrientes, gerando matéria orgânica e contribuindo para o equilíbrio ambiental.

Particpei de atividades pedagógicas na Comunidade Entra Apulso, com o território do Recife, explorando o conceito do "Triângulo da Vida" proposto por Ernest Gotsc (s/d), que em sua ilustração traz a área ou Fragmento Floresta Primária, Área de Agricultura Convencional e Área de agricultura Agroflorestal, representada pelo declínio e ascensão do contexto ambiental e social do cenário que se modifica à medida em que os elementos vão sendo revelados através da observação da Agrofloresta como modelo ideal de produção sustentável, pois é nela que os processos de sucessão ecológica são considerados como essenciais à vida.

Como equipe, realizamos a implementação de um sistema agroflorestal na Escola Inalda Spinelli, unindo as práticas educacionais com dinâmicas de plantio adaptadas à realidade do local. Na área urbana, enfrentamos o desafio da escassez de espaço adequado para a introdução do sistema, sendo um dos obstáculos que encontramos. Interagimos com turmas do ensino médio, onde realizamos o planejamento, escolha das mudas e plantio.

Na prática de planejamento dos Sistemas Agroflorestais (SAF) em Alcobaça, utilizamos uma metodologia participativa, que promoveu a colaboração de toda a família e

comunidade. Partimos do princípio do que era importante para a dinâmica de alimentação, sobrevivência e subsistência dos sistemas. O texto de Canosa (2016), defende que a extensão rural agroecológica demanda uma nova perspectiva sobre a realidade. Ou seja, para promover um desenvolvimento inovador, é crucial abandonar metodologias antigas e vulneráveis. Nesse sentido, todo nosso planejamento foi pautado considerando a particularidade do território, clima, realidade social, participação das pessoas do território, sendo o olhar central voltado para a família.

No sétimo e oitavo vagão realizei o Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) do curso de Bacharelado em Agroecologia e Educação Popular da UFRPE, sob a orientação e supervisão das Professoras Horasa Andrade e Zênia Tavares, realizado na Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (Incubacoop)¹, localizada na Universidade Federal Rural de Pernambuco. As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares têm sido uma realidade no Brasil desde o início dos anos 90. A Incubacoop, especificamente vinculada à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), foi inaugurada em 1999 e, desde então, tem se esforçado para atualizar e aprimorar sua metodologia de atuação. A presença dessas incubadoras dentro das universidades brasileiras traz uma perspectiva de esperança para a vida universitária, pois vai além de oferecer novas diretrizes para a extensão universitária. Elas também proporcionam uma ressignificação do próprio processo de construção do conhecimento.

A Incubacoop-UFRPE atua com extensão acadêmica, dedicada a fomentar o crescimento e a inovação em iniciativas de natureza coletiva, com ênfase particular nas cooperativas. Estas últimas, compostas por indivíduos que enfrentam adversidades marcadas pela vulnerabilidade social, recebem suporte através dos princípios do Cooperativismo e Economia Solidária, impulsionando o desenvolvimento sustentável de suas empreitadas coletivas.

A coordenação atual da Incubacoop-UFRPE é composta pela professora Horasa Andrade e o professor Maurício Sardá. Também fazem parte da equipe da incubadora, o professor José Nunes, Zênia Tavares, Júlia Benzaquen e outros professores de diferentes departamentos da UFRPE. Além dos técnicos Robson Campelo, Clarissa Buarque e

¹ A Incubacoop-UFRPE é um núcleo interdisciplinar, que realiza atividades de extensão, pesquisa e ensino, com foco no associativismo, cooperativismo, economia solidária e agroecologia. Atualmente as ações ocorrem nos territórios de Abreu e Lima, Bonito e Recife. O campus da UFRPE também é um dos locais de atuação no Recife. A transição agroecológica, o apoio à organização de mulheres marisqueiras, coleta e reciclagem de resíduos sólidos e a alimentação saudável são os temas que estão em andamento no momento (Disponível: www.ufrpe.br)

estudantes de diferentes cursos que compõem o Programa de Educação Tutorial (PET)² e o Programa de Extensão Semear, Colher e Partilhar Alimentos, Vida e Sustentabilidade³. A diversidade de discentes de diferentes cursos contribui para ampliar a reflexão e a ação sobre a agroecologia, cooperativismo e a economia solidária.

2.2 A agroecologia e a economia solidária

Contra-pondo-se ao padrão dominante da sociedade atual e à exploração do ser humano como um instrumento de produção, a Agroecologia e seus princípios emergem como alternativa para novas formas de economia, relações e construção de uma sociedade voltada para o bem-estar. Os princípios são pautados na: Cooperação e Solidariedade, Autogestão, Equidade, Sustentabilidade, Comércio Justo, Inclusão Social, Desenvolvimento Local, Educação e Formação.

Esses princípios orientam a funcionamento e a missão das feiras agroecológicas, tornando-as espaços importantes para a promoção da agricultura sustentável, da saúde, da justiça social, valorização da agricultura Familiar, diversidade de produtos, espaço de cultura e de lazer, promoção da biodiversidade, consumo consciente, fortalecimento da comunidade e acessibilidade.

Desse modo a agroecologia demonstra papel crucial em diferentes perspectivas no campo e na cidade: a produção de alimentos saudáveis com conservação da terra, água, biodiversidade e paisagens rurais; a superação da pobreza rural e promoção de maiores níveis de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN), a emancipação das mulheres o estímulo à juventude; a geração de trabalho digno no meio rural e; a conservação e valorização das culturas, práticas e saberes locais (CARNEIRO et al, 2015).

No período do estágio consegui vivenciar os conceitos aprendidos em sala desde o primeiro período, me senti feliz e realizada pela oportunidade de atuar com questões relacionadas aos espaços agroecológicos, agricultura familiar e políticas públicas. Exerci, com todo o afinho que as circunstâncias da vida me proporcionaram, minhas habilidades de planejamento e articulação. Este momento representou um marco significativo em minha formação, permitindo-me aplicar o conhecimento adquirido e contribuir de maneira efetiva

² Estudantes dos cursos de Agroecologia, Ciências do Consumo, Ciências Sociais, Química, sob coordenação do prof. Maurício Sardá.

³ Estudantes dos cursos de Agroecologia e Ciências do Consumo, sob coordenação das professoras Horasa Andrade e Zênia Tavares e do professor José Nunes.

para a área em que escolhi atuar. A experiência adquirida durante este período será, sem dúvida, um alicerce sólido para minha futura atuação profissional.

Durante o período de estágio, nos envolvemos em atividades internas e externas, na elaboração de diagnósticos e planejamento, no aperfeiçoamento de conhecimentos e saberes que contribuíram para a conclusão bem-sucedida do projeto final do Estágio Supervisionado em Orientação Educacional (ESO), cujo objetivos foram:

1. Planejar e consolidar a Feira de Agricultura familiar e Agroecológica da UFRPE
2. Apoiar no diagnóstico participativo e desenvolvimento nas dimensões políticas, ideológicas, econômicas, tecnológicas e organizacionais dos coletivos sociais envolvidos com a Incubadora
3. Fortalecer e disseminar os princípios, ideais políticos e sociais da Agroecologia como ciência e prática dentro da comunidade universitária e sociedade
4. Auxiliar na construção de novas formas de economia e modos de vida pautados na sustentabilidade, cooperativismo e economia solidária

Todas as atividades relacionadas à construção e validação da feira foram conduzidas de maneira coletiva e participativa. Os trabalhos foram divididos entre grupos, cada um representando diferentes territórios: Lagoa de Itaenga, Bonito, São Lourenço, Brasília Teimosa, Abreu e Lima e UFRPE.

Minha contribuição foi mais proeminente no grupo da UFRPE, onde o foco principal recaiu sobre o planejamento da feira. Em nossa rotina de trabalho, estabelecemos encontros presenciais todas as segundas e terças-feiras com o objetivo de avaliar os processos em andamento e planejar as ações futuras. Nos dias restantes da semana, colocamos em prática as ações planejadas de maneira participativa e autogestionária. Essa experiência proporcionou uma compreensão mais profunda do trabalho em equipe e da importância da participação ativa de todos os membros para o sucesso de um projeto.

Acredito que essas lições serão inestimáveis em minha futura carreira. Ao iniciar o diagnóstico da implantação da Feira na UFRPE, pude compreender as suas multidimensões e reconhecê-la dentro da lógica de um Etnoagroecossistema, local de prática e comercialização, troca de saberes tradicionais e acadêmicos, interconexão entre o social, cultural, econômico, fatores ambientais, gestão de recursos naturais e de identidades camponesas. A campesinidade representa a conexão intrínseca entre os agricultores e a terra, uma relação que valoriza a preservação dos recursos naturais e a transmissão de conhecimentos ancestrais. “A co-produção, um dos elementos definidores do campesinato mais importantes, diz respeito à interação e transformação mútua constantes entre o homem e a natureza viva” (PLOEG, 2013, p 40).

Nas feiras agroecológicas, essa conexão se manifesta de maneira tangível, sendo

um local de produção sustentável e das racionalidades camponesas que perpassam o subjetivo e o diverso. Participamos também de processos formativos que auxiliaram ainda mais na compreensão das dinâmicas e conceitos do cooperativismo, economia solidária e trabalho comunitário. Participei de duas vivências: uma sobre a dinâmica de funcionamento interno das cooperativas e trabalho participativo.

Nas subseqüentes reuniões de planejamento e execução, conseguimos progredir no esboço da feira, que identificamos como um espaço que transcende a comercialização. Este espaço engloba rodas de diálogos e formações, banca educativa, espaço cultural com apresentações artísticas, expressões corporais, poesias e espaço dedicado à alimentação saudável, vinda da Agricultura familiar. Este ambiente, “além de aproximar as pessoas com interesses econômicos similares, onde o valor é formado por uma discussão direta entre os atores, também se constitui como um palco para a reprodução social” (GODOY; 2007, p. 367). Esta percepção ampliou minha compreensão sobre a complexidade e a riqueza das interações sociais que ocorrem nesses espaços.

Sobre os princípios de funcionamento também avançamos em pontos importantes para a organização e sustentabilidade da iniciativa, foram eles: a importância do processo de autogestão dos feirantes, a feira como um processo de construção coletiva formada pelos agricultores, consumidores, moradores e instituições parceiras, o envolvimento da comunidade e coletivos de Dois Irmãos, a alternância na gestão, os intercâmbios entre os agricultores dos outros territórios assistidos pela incubadora, a frequência de reuniões participativas, a criação do regimento interno, a importância do engajamento dos agricultores nos processos de formação.

Com a compreensão da economia solidária, surge a questão de estabelecer uma nova relação entre a economia e a sociedade. Na prática, pude vivenciar mais de perto o conceito de economia solidária que engloba diversas experiências organizacionais e que se enquadram em uma dinâmica relacionada às emergentes formas de colaboração. Sobre as feiras agroecológicas pude também observar o quanto elas desempenham um papel essencial na vida dos agricultores familiares, contribuindo significativamente para a sua renda. No entanto, ficou evidente a necessidade de políticas públicas que apoiem e incentivem ainda mais esses espaços. Outro rico aprendizado foi compreender toda a dinâmica coletiva que está nos “bastidores” da construção e manutenção de uma Feira Agroecológica. Os/as consumidores/as, instituições, universidades, comunidade, parceiros/as e apoiadores/as desempenharam esse papel de fundamental importância.

Uma questão que me deixou bem reflexiva, foi o fato de que dentro dos espaços

agroecológicos urbanos não existir a presença da comercialização de animais, nem de grande, nem de pequeno porte. A partir dessa observação, fiquei com o interesse de identificar esses agricultores que manejam criações de modo agroecológico e entender mais sobre as dinâmicas que envolvem essa ausência. Certamente que animais como: caprinos, ovinos, porcos, é mais difícil de pensar nessa inserção do contexto da cidade. Fica o questionamento sobre as espécies menores: codornas, peixes, galinhas, etc.

Destaco também o excelente desempenho dos atuais membros das equipes dos territórios que trabalham de forma ágil, dedicada, organizada e participativa. Estou muito satisfeita por ter conseguido presenciar o que desde o primeiro semestre do curso estamos estudando. Lembro bem da professora Ana Dubeux trazendo para nós o conceito da autogestão e seus princípios. Consegui ter o privilégio de romper com o sentimento de utopia, presenciando e vendo que é possível a organização coletiva e corresponsabilidade fluindo dentro de um grupo.

A Feira passou a se consolidar como espaço, possuindo coordenação própria e tendo os processos de autogestão iniciados. Sempre estamos no movimento de buscar apoio, intercâmbios com outros grupos agroecológicos e fortalecer as parcerias. Assim, foi construída uma grande teia de parceiros do movimento agroecológicos: Associação de Produtores e Moradores Agroecológicos do Imbé, Marreco e Sítios Vizinhos (ASSIM); Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim (AGROFLOR); Feira da Agricultura Familiar e Economia Solidária de São Lourenço da Mata; Espaço Agroecológico da Várzea – AgroEcoVárzea; Associação Vida Agroecológica de Bonito; Fórum de Economia Solidária de Pernambuco (FES); Grupo de Estudos, Sistematização e Metodologia em Agroecologia (GEMA); Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA); Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá; Associação Dia da Terra Brasil; Associação Raízes da Tradição; Rede de Agroecologia do Agreste de Pernambuco (REAGRO); Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Agricultura Familiar e Camponesa (AGROFAMILIAR); Bacharelado em Agroecologia Campesinato e Educação Popular (BACEP); Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC); Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT); Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais (PPCIAM); Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar (FRETAF); Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST); Movimento Camponês Popular (MCP); Comissão Pastoral da Terra (CPT); Federação dos Trabalhadores Rurais, Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado de Pernambuco (FETAPE) e Associação Vida Agroecológica. Destacamos

também, a parceria com o Núcleo de Estudos do Consumo e Economia Familiar – NECEF⁴, ligado ao Departamento de Ciências do Consumo/UFRPE.

3 Chegada ao destino final: Aprendizados para o bem viver a partir do BACEP

Nessa sessão procuro destacar os principais aprendizados que foram determinantes para minha formação e escolha de campo de atuação, especialmente articulando a agroecologia e a economia solidária. Sabemos que o capitalismo foi erguido de modo escravocrata e senhorial, sempre à base de muita violência e destruição. O seu eixo central é a mercadoria e o principal elemento constituinte é a figura do ser humano como objeto mercantil. Ora, com a compreensão do ser humano como objeto, como uma engrenagem de uma linha de produção, fica fácil de perceber onde surgem as raízes dos males que vemos no nosso dia a dia, estando a face do capitalismo presente no rural e no urbano. A sua representação mais cruel, se dá na negação do direito humano à alimentação. Não é à toa que a origem da palavra “fome” está associada ao aparecimento da desigualdade social no mundo.

O acesso à alimentação ocorre através dos processos de produção, distribuição, comercialização e consumo dos alimentos. No tocante da produção, o campo alimenta a cidade, mas quando falamos de distribuição e comercialização abrimos um leque que revela várias problemáticas. Refletindo em uma delas, trago a seguinte: Se o nosso país é tão autossuficiente na produção dos alimentos, onde eles estão, que não chegam à mesa do faminto? E quando chegam, são comidas de verdade ou produtos artificiais comestíveis (ultraprocessados)?

Ao longo da história, a inacessibilidade a uma nutrição adequada tem sido um reflexo persistente das disparidades socioeconômicas, afetando desproporcionalmente as comunidades menos favorecidas e perpetuando ciclos de pobreza e desigualdade. De acordo com Edgar Alves (1979), os padrões de alimentação das populações carentes deixaram muito a desejar no que tange aos níveis nutricionais e preço dos alimentos. O

⁴ O Núcleo de Estudos do Consumo e Economia Familiar - NECEF, vinculado ao CNPq, é um Grupo de pesquisa, ensino e extensão, que zela por seu caráter científico e por suas relações com os movimentos sociais. Tem por objetivo refletir sobre o consumo na sociedade contemporânea, e seu reatamento na vida cotidiana e nos estilos de vida, bem como contribuir para uma atuação mais crítica, propositiva e politizada dos/as consumidores/as, para o exercício da cidadania. Dentre suas linhas de pesquisas estão: Administração e Economia Familiar; Cotidiano, Consumo e Desenvolvimento Social; Cultura do Consumo e Gênero; e Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. Destarte, é um espaço de formação acadêmica e científica para estudantes de graduações e Pós Graduação.

acesso à nutrição é um direito de todos/as, mas apenas uma pequena parcela da população consegue alcançá-lo.

Nos deparando com a cruel realidade de uma população faminta e desnutrida, fica clara a tríade: pobreza-fome-desnutrição. A pobreza está diretamente ligada à falta de renda, que consecutivamente leva à fome e as deficiências nutricionais/energéticas. Grande parte da parcela de desnutridos são as crianças, e, cresce também num ritmo muito acelerado, o paradoxo do obeso desnutrido, que tem como uma das principais causas a industrialização, que enraizou como cultura os maus hábitos alimentares. Ao pensar em possibilidades de construção de novas realidades, a agroecologia rural e urbana se mostra como potencial alternativa, através dos modos de produção que trazem consigo as lógicas sociais e ambientais que visam um modelo de igualdade e perpetuação do bem viver para as gerações atuais e futuras.

A Revolução Industrial promoveu o surgimento da indústria e consolidou o processo de formação do capitalismo, criando a cultura do descarte e da exploração dos recursos da natureza. Foi também responsável por grandes transformações nos processos produtivos e nas relações de trabalho. Ao analisar esse modelo econômico, seja nas relações do ser humano/natureza, relações ser humano/saúde física, relações ser humano/saúde mental e relações de ser humano/ser humano, vemos uma estatística de degradação e insustentabilidade.

Hugo Assmann (1998), afirma que a humanidade chegou numa encruzilhada ético-política, e, ao que tudo indica, não encontrará saídas para a sua própria sobrevivência como espécie ameaçada por si mesma se não construir consensos sobre como incentivar conjuntamente o potencial de iniciativas e as frágeis predisposições à solidariedade. Enquanto educadores, temos o dever de agir na solidificação de modelos econômicos, que se dá através do cooperativismo e associativismo.

Maria do Socorro Silva (2006), fala sobre a contribuição dos movimentos sociais na construção das identidades sociais dos sujeitos e grupos, e como essa interação traz a valorização das diferenças. O diálogo entre os diferentes saberes e conhecimentos, questionam a homogeneidade cultural incrustada no currículo e na escola. A luta pela terra, pelo meio ambiente, pela cidadania, a soberania alimentar, os valores humanistas, a participação popular, a educação, a saúde, as relações igualitárias de gênero e etnia, vinculadas à luta por uma sociedade economicamente justa, ecologicamente sustentável com equidade e justiça social continuam na agenda do dia para tecer o amanhã, construindo desta forma uma escola diferenciada e contextualizada na vida, no trabalho e

na cultura do povo.

Um dos aprendizados na ferrovia do Bacep, foi compreender que a Economia solidária se mostra como uma alternativa através de suas práticas. Essas práticas são fortalecidas pelos coletivos e movimentos sociais. Nessas experiências a criação do espaço econômico obedece a alguns princípios, como a igualdade, respeito à natureza e solidariedade. Nos centros urbanos e no campo encontramos expressões da Economia solidária. Durante o percurso da minha jornada, tive a oportunidade de realizar trocas, onde ofereci serviços em uma escola em troca do pagamento equivalente à mensalidade escolar da minha filha. Defourny, (1998), nos traz que é possível combinar a prática oriunda da venda e troca de bens e serviços, com recursos de natureza não mercantil, como as subvenções públicas e, ainda, com recursos alheios à lógica monetária, como as práticas de ajuda mútua.

Os locais físicos que fomentam essa integração são os mercados e as feiras. As feiras de base agroecológica, além de serem pontos de comercialização, se estabelecem como autênticos espaços de educação não formal, por meio de sua dimensão cultural e de intercâmbio de saberes. Historicamente, as concepções sobre o desenvolvimento local passaram por distintas etapas em diferentes regiões. A abordagem do pensamento comunitário encontrou resistência em face dos períodos ditatoriais, do neoliberalismo e das políticas públicas centralizadoras, que obstaculizaram a continuidade da construção de um modelo econômico sustentável.

Com o surgimento de novas alternativas de pensamento, estilos de vida e interações sociais em harmonia com o ambiente natural, a importância da localização e concentração das atividades tornou-se evidente. Isso levou à criação de abordagens econômicas regionais, marcando as primeiras experiências de autogestão e elaboração de planos de desenvolvimento comunitário. As iniciativas de economia solidária emergem como uma estratégia promissora para promover o desenvolvimento local, com o objetivo de resolver questões de equidade, inclusão social e sustentabilidade ambiental. Estas iniciativas representam um esforço para construir uma sociedade mais justa e sustentável, reafirmando a importância do engajamento comunitário e da gestão participativa. Nas duas últimas décadas, a economia solidária mereceu crescente atenção das ciências sociais, sobretudo em estudos sobre a economia popular, as desigualdades, as relações de trabalho, os movimentos sociais e as políticas públicas (FERRARINI et al., 2018).

Sabendo que historicamente, o pensamento de desenvolvimento tem sido controlado por interesses políticos e pelo sistema econômico ainda dominante, os

mercados solidários podem ser considerados como uma estratégia estruturada e sustentável de impulsionar e alinhar os princípios da economia solidária com as necessidades das comunidades, demonstrando a relação que existe entre o mercado e o desenvolvimento sustentável (NIEDERLE, et al., 2021).

Por mercado solidário, entende-se por um espaço de socialização ou empreendimento orientado por princípios e relações de reciprocidade e gestão democrática, que não visa o acúmulo de capital, mas que estabelece novas possibilidades igualitárias de atuação, criação de rendimento, bem estar comunitário e equidade nas relações de gênero, articulando a dimensão econômica e social em nível territorial. Portanto, a comercialização é uma atividade fundamental da produção agropecuária, e se o pequeno agricultor, especialmente de base agroecológica e camponesa, passa a ser protagonista na venda de seus produtos, aumenta a possibilidade de alcançar melhor rentabilidade com seu trabalho e reafirmar a identidade da agricultura familiar (BELIK, 2017). Consequentemente contribui para a segurança alimentar e nutricional da população.

Ao fazer esta reflexão, percebo claramente como a convergência entre economia solidária, agroecologia e políticas públicas delineia um caminho significativo em direção a comunidades mais justas e sustentáveis. A economia solidária, com seu alicerce na colaboração e equidade, unida à agroecologia, que respeita os ciclos naturais e promove práticas agrícolas sustentáveis, cria um modelo que transcende as normas convencionais, redefinindo as relações econômicas e ambientais.

Minha trajetória na economia solidária é marcada por um profundo envolvimento com práticas colaborativas e uma busca incessante por modelos econômicos mais justos e sustentáveis. Desde os primeiros passos em minha jornada, percebi que a economia solidária não é apenas uma abordagem econômica, mas um modo de vida que busca transformar as relações sociais e fortalecer a participação coletiva, dialogando com os princípios da agroecologia, que são: a diversidade, promoção da igualdade de gênero, participação local comunitária, acesso e redistribuição de terras, uso eficiente de recursos locais, justiça social, preservação da biodiversidade, valorização da cultura territorial, comercialização justa, fortalecimento da agricultura familiar e a integração do conhecimento científico e tradicional.

CONCLUSÃO

A partir da minha trajetória pessoal e o vivenciado no Bacep, a minha formação como agroecóloga foi enriquecida pela participação ativa dos movimentos sociais, pelo reconhecimento da importância das mulheres e pela valorização dos saberes dos povos originários. Ao me envolver nos movimentos sociais, adquiri uma compreensão mais completa das realidades enfrentadas pelas comunidades rurais.

A troca de conhecimentos práticos através das imersões e intercâmbios de saberes aprimoraram minhas habilidades técnicas e sensibilização para os desafios socioambientais e em outras dimensões de cada território.

Essas trocas me permitiram entender diversas problemáticas e suas origens. A partir disso, foi possível refletir em possíveis mudanças, mesmo que não tenhamos o controle total, contribuindo para a esperança de uma realidade diferente. Redesenhar um sistema, uma organização, uma família ou até mesmo o mundo começa com o primeiro passo de se olhar e considerar o outro.

A colaboração com as mulheres na agricultura é fundamental para uma abordagem mais equitativa e sustentável. Reconheço a importância de suas contribuições e experiências, promovendo a igualdade de gênero e fortalecendo a diversidade de perspectivas na prática agroecológica. Além disso, o respeito, a cultura e a ancestralidade dos povos originários enriqueceram minha compreensão da agroecologia. Suas práticas tradicionais estão alinhadas com os princípios da sustentabilidade, contribuindo para a conservação ambiental.

Olhei da janela do vagão que conduzia ao meu território, os conhecimentos obtidos durante as Vivências Realidade Campo, que ampliaram minha reflexão de como o ambiente urbano precisa progredir e se unir ao campo, afinal, todos somos um só povo. A partir das experiências vivenciadas, destaco que o movimento Agroecológico urbano vive um período de intensa luta e conquista, buscando garantir direitos fundamentais como acesso à alimentação saudável e saúde para todos/as.

Ao observar as problemáticas urbanas em minha experiência, percebo as dinâmicas do atual sistema econômico que levam a inúmeras contradições internas e às desigualdades econômicas, onde a acumulação de riqueza beneficia a minoria e traz grandes problemas ambientais, falta de moradia e os mais diversos tipos de violência.

Enquanto Educadora popular, vejo minha atuação como um elemento fundamental nesse processo de formação. Vai além das salas de aula, atingindo as comunidades e

promovendo a conscientização sobre a importância de modelos econômicos mais colaborativos, práticas ambientais e sociais sustentáveis. Essa abordagem coloca ênfase na construção coletiva do conhecimento, reconhecendo e valorizando os saberes locais.

A troca de experiências e a reflexão crítica se tornam os pilares desse processo educativo, incentivando não apenas a absorção passiva de informações, mas a aplicação prática do aprendizado na vida cotidiana, sendo uma ferramenta vital para capacitar as comunidades e indivíduos a compreenderem e moldarem ativamente suas próprias realidades.

Os estudos dedicados à economia solidária foram um ponto crucial que despertou meu interesse e moldou minha trajetória profissional. Essa influência começou quando me deparei com iniciativas locais que priorizavam a cooperação e a solidariedade, inspirando meu envolvimento nesse campo. Engajei-me ativamente em empreendimentos coletivos, participando de cooperativas e grupos de autogestão, onde experimentei em primeira mão os benefícios da colaboração na produção e distribuição de bens e serviços. Essas experiências moldaram meu entendimento sobre a importância de práticas econômicas que priorizam o bem comum e a equidade.

Ao longo do tempo, minha trajetória na economia solidária se tornou mais abrangente e integrada. Participei de redes de troca, feiras solidárias e iniciativas de comércio justo, contribuindo para a construção de alternativas econômicas que valorizam não apenas o produto final, mas todo o processo de produção de forma ética e inclusiva. Minha atuação não se restringiu apenas à participação em empreendimentos coletivos, mas também se estendeu à promoção de princípios e valores desse modelo econômico. Tornei-me uma defensora ativa da economia solidária, compartilhando conhecimentos, organizando eventos e colaborando com organizações que buscam fortalecer e disseminar essas práticas.

Portanto, ao longo do meu curso de Bacharelado em Agroecologia, os aprendizados foram muito mais do que teóricos; eles foram uma jornada de descobertas, desafios superados e crescimento pessoal. Cada disciplina contribuiu para a minha bagagem de conhecimento, mas, além disso, aprendi a aplicar esses conceitos de forma prática e contextualizada.

A interação com colegas e professores foi fundamental para ampliar minha perspectiva e enriquecer meu entendimento sobre os temas abordados. As atividades práticas, as pesquisas de campo e as experiências de estágio foram oportunidades valiosas para colocar em prática o que aprendi em sala de aula. Além dos aspectos

acadêmicos, o curso também me proporcionou uma compreensão mais profunda sobre mim mesma e meu chamado.

Olhando para trás, agora chegando na estação final, vejo o Bacep não apenas como uma etapa acadêmica, mas como um período de crescimento integral, onde adquiri conhecimento, desenvolvi habilidades práticas e amadureci como indivíduo. Estou pronta para aplicar esses aprendizados de maneira significativa e enfrentar os desafios que o próximo capítulo da minha jornada profissional possa trazer. Hoje, desembarco da estação BACEP e embarco na estação do Programa de Pós- Graduação em Ciências Ambientais (PPCIAM), da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), com um novo bilhete em mãos, desta vez, rumo ao Mestrado. Que esta viagem continue repleta de descobertas e aprendizados. Espero poder retribuir à sociedade todo o investimento e conhecimento adquiridos, mantendo-me sempre ativa na construção e manutenção do bem viver.

REFERÊNCIAS

Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2017. p. 223–44. Disponível em: https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/10/Agricultura_Familiar.pdf. Acesso em 19 out. 2023

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro, [2010]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=resultados>. Acesso em: 29 mar. 2022.

ALVES, Edgar. Desnutrição e pobreza do Brasil: algumas evidências. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo; Fundação Carlos Chagas n. 29, jun. 1979.

ASSMANN, Hugo. Reencantar a educação. **Rumo à sociedade aprendente**. 2. Vozes, RJ, ed. Petrópolis, 1998.

BELIK, Walter. Circuitos de agricultura familiar no Brasil: notas para discussão. **Agricultura familiar brasileira: desafios e perspectivas de futuro**. Brasília: Brasília, Ministério do Desenvolvimento Agrário p. 223-44, 2017

Canosa, G. A. **Proposta Metodológica para planejamento participativo de sistemas agroflorestais junto a agricultores (as) familiares**, 2016. <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3911>

Defourny, Jacques. “La longue marche du concept d’économie sociale”, *Reflets et perspectives de la vie économique*, 37(4), 5-19, 1998.

DELGADO, Cecília. Agricultura urbana, espaço de protagonismo feminino. *Faces de Eva: Revista de Estudos Sobre a Mulher*, 2017, 37: 62-81.

FERRARINI, Adriane; GAIGER, Luiz; SCHIOCHET, Valmor. “Economia social esolidária: estado da arte e agenda de pesquisa”. *Revista Brasileira de Sociologia*, 6,12: 157-180, 2018.

FREIRE, Adriana Galvão et al. No inverno a gente planta, no verão a gente cria. **Agriculturas: experiências em agroecologia: integração cultivos-criações**, p. 7-15, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 2013

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. **Movimentos Sociais, Participação e Democracia**. UFSC, Florianópolis, Brasil. 25 a 27 de abril de 2007.

CARNEIRO, F. F.; AUGUSTO, L. G. S.; RIGOTTO, R. M.; FRIEDRICH, K.; BÚRIGO, A.C. (coord). **Dossiê ABRASCO: Um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro/São Paulo: Expressão Popular, 2015.

GODOY, W. I; ANJOS, F. S. A importância das feiras livres ecológicas: um espaço de trocas e saberes da economia local. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.2, n.1, p.364-368, 2007.

PLOEG, J, D,V, D. **Camponeses e Impérios Alimentares**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2013.

SANTOS, M. dos; MACHADO, M. C. M. Agricultura Urbana e Periurbana: segurança alimentar e nutricional, comportamento alimentar e transformações sociais em uma horta comunitária. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 27, p. e020010, 2019. DOI: 10.20396/san.v27i0.8650689. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8650689>. Acesso em:1 fev. 2024

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Brasília: DATER/SAF/MDA, 2006.